

O conhecimento tácito substantivo histórico dos alunos- no rasto da escravatura

Maria do Céu de Melo
Universidade do Minho

Este texto descreverá sinteticamente uma investigação realizada sobre o conhecimento tácito dos alunos, apresentando-se alguns resultados⁽¹⁾ ⁽²⁾. Este estudo cobriu estudantes organizados em três grupos 12-13 anos [12+]; 14-15 anos [14+]; 16-17 anos [16+], e partiu da assunção de que os alunos têm ideias tácitas sobre acontecimentos ou instituições históricas e que essas ideias funcionam como uma fonte de hipóteses explicativas na senda de compreender o passado, as instituições, as pessoas, os valores, as crenças e os comportamentos.

Múltiplos estudos empreendidos na área do ensino das Ciências detectaram que estas ideias têm as seguintes características⁽³⁾: -São baseadas nas experiências e vivências pessoais dos alunos; -São geradas por processos primários de abstracção e problematização; -Muitas das ideias pertencem ao domínio das crenças, enraizadas no universo cultural dos indivíduos e como tal têm uma permanência de longa duração e oferecendo uma resistência a mudanças abruptas; - A sua persistência deriva da dificuldade dos indivíduos se distanciarem e de exercerem auto-crítica; -São fáceis de serem recordadas porque pertencem muitas vezes a contextos vivenciais que foram ou são relevantes para os alunos (sensibilidade, sentimentos, etc.); -Os alunos encontram nelas semelhanças com a situação ou fenómeno científico em estudo, e finalmente - Estas ideias persistem porque contêm em si mecanismos circulares de auto-alimentação e legitimação/reprodução pacíficas”. Foi também confirmada a sua persistência, mesmo quando os alunos são sujeitos a um ensino formal, persistência baseada em estratégias do tipo de estratégias cognitivas que aqueles desencadeiam

quando confrontados com evidências que os obrigam a encarar (e aceitar) as suas concepções como parciais, provisórias, tendenciosas, etc. Estudos há que apontam para uma frequente mobilização das seguintes estratégias: -adição, correspondência, selecção de evidências confirmatórias, excepção à regra, criação de novas variáveis, silêncio, etc.

O primeiro objectivo deste estudo foi cartografar as ideias tácitas dos alunos sobre a escravatura. O segundo foi detectar quais as possíveis ligações entre este conhecimento tácito e a performance empática dos alunos sobre as pessoas do passado, num contexto e tempo histórico específico: a escravatura na sociedade romana. Para atingir estes objectivos foi necessário formular perguntas mais focalizadas e operativas, que foram as seguintes: - Quais as ideias tácitas substantivas que os alunos evocam quando tentam compreender as práticas sociais do passado? e - Quais dessas ideias se constituem como generalizações funcionais para a compreensão dessas práticas?. Numa necessária intenção de delimitar a nossa focalização seleccionaram-se determinadas áreas que pudessem cobrir as ideias dos alunos sobre a escravatura: a escravatura como instituição; as razões para a sua existência; as mudanças ocorridas; o comportamento humano dos agentes históricos envolvidos; o quadro mental do passado e dos seus agentes, julgamentos, e projecção pessoal no papel de escravos e amos.

Estas áreas nortearam o desenho e conteúdo substantivo dos três instrumentos que a seguir descrevemos sumariamente. O primeiro instrumento foi uma **Entrevista sobre o Conhecimento Tácito Substantivo Histórico** (ECTSH), cujas perguntas cobriram as áreas acima citadas e onde a escravatura não foi contextualizada num tempo histórico específico. Foi organizada em sete grupos de questões. O primeiro grupo de questões -**Conceptualização/ Generalização**- teve como objectivo que os alunos expressassem as suas ideias sobre o que é a escravatura, as razões da sua existência em diferentes contextos e tempos. O segundo grupo de questões -**A relação humana entre os amos e os escravos**- pedia ideias sobre como seriam as relações humanas entre os amos e os escravos e os factores que podiam influenciá-las. O terceiro grupo de questões -**A escravatura vista pelos escravos**- pediu aos alunos ideias sobre como é que os escravos veriam sua situação de escravidão e quais os factores mais relevantes que pudessem afectar as suas ideias e sentimentos. O quarto grupo de questões -**A escravatura vista pelos amos**- pedia aos alunos sobre como é que os amos veriam a escravatura, qual seria a sua posição perante ela e quais os factores que determinariam essa posição. O quinto grupo de questões -**Julgamento pessoal**- pediu aos alunos que expressassem os seus juízos sobre a escravatura. O sexto grupo de

questões -Projeção pessoal- pediu aos alunos que se colocassem no ‘papel’ de um amo e de um escravo. O objectivo deste grupo era detectar como os alunos geririam simultaneamente contextos do passado e as suas próprias ideias, valores e crenças. O objectivo do sétimo grupo de questões -Fontes- era recolher informação sobre quais as fontes das ideias dos alunos sobre a escravatura, que sociedades esclavagistas eles conheciam e em que épocas elas existiram

O segundo instrumento foi um **Exercício de Empatia** histórica a realizar por escrito (EE), onde aos alunos foram apresentadas as histórias de dois escravos romanos. A primeira história fala-nos da escravo de Antius Restio que salvou o seu amo de ser morto por soldados usando uma estratégia mistificador. A segunda história fala do escravo de Urbinius Panapio, que para salvar o seu amo se deixou matar em vez dele. Foram propostas as seguintes questões aos alunos: - Porque é que o escravo de Antius / Panapio se portaram com sentido de lealdade e dever para com os seus amos? Para responderem a este exercício os alunos tiveram acesso a uma série de documentos sobre a escravatura em Roma, documentos que versavam os seguintes aspectos; as relações existentes entre os amos e os escravos, diferentes tipos de escravos. pontos de vista sobre a escravatura por filósofos, escritores romanos, leis romanas, o valor económico dos escravos, etc.

Um terceiro instrumento foi uma **Entrevista Pós-Exercício Empático** (EPEE), cujo objectivo foi esclarecer e aprofundar algumas ideias expressas no exercício escrito. Assim, as questões derivaram da trama das histórias e, posteriormente tendo em conta uma primeira análise das respostas dadas ao EE. Esta entrevista contemplou dois níveis de abordagem, um considerando situações e contextos generalistas e outras contemplando o contexto específico das histórias dos escravos romanos, sendo organizada em cinco grupo de questões. O primeiro grupo de questões versou o modo como as relações humanas em geral, e as relações entre os amos e os escravos, se tecem e se teciam. O segundo grupo pedia aos alunos as suas definições sobre dever e lealdade, condições para a sua existência e comportamentos de pessoas assim adjectivadas. O terceiro grupo pedia aos alunos as suas ideias como as condições concretas de vida podem afectar os comportamentos e sentimentos das pessoas /escravos face a outrem e a novas situações. O quarto grupo focalizava aspectos culturais onde se colocava a distinção e ou contraponto entre as noções de cultura, arte e desenvolvimento. O último incluía questões sobre variáveis económicas contempladas no acto de comprar e valorizar um escravo /empregado.

Ao longo do estudo, os dados recolhidos pelos instrumentos acima descritos, foram analisados, considerando os três grupos de idades, procurando-se evidências

que permitissem desenhar um **Padrão de ideias substantivas sobre a Escravatura.**

De um modo sintetizado, e no que diz respeito aos alunos do grupo **12+anos**, poder-se-á enunciar o seguinte padrão. A escravatura é descrita através de imagens sobre a vida quotidiana dos escravos e dos amos. Esta imagem alargada parece ser baseada em artefactos ficcionais contemporâneos, nomeadamente, filmes americanos, telenovelas brasileiras e banda desenhada. A escravatura é vista como um situação individual, caracterizada pela ausência de liberdade de expressão e acção. São formulados muito juízos de valores muito negativos sobre a escravatura e sobre os amos, devido à evocação de imagens dramáticas que lhes 'fere' a sua sensibilidade estética e os seus valores. A razão principal nomeada pelos alunos deste grupo para a existência da escravatura, é a necessidade ou desejo do indivíduo de ter lucro 'para ser rico'. Reconhecem também que a escravatura foi um instrumento necessário para o desenvolvimento de certos países. A existência de mudanças na escravatura são reconhecidas apenas em aspectos concretos, tais como, as condições de trabalho, roupas, etc. Consideraram, no entanto, também que não se podem fazer generalizações no que diz respeito à existência de mudanças nas relações entre os amos e os escravos. O mesmo cuidado de evitar as generalizações se aplica ao tipo de relações humanas entre os amos e os escravos. Estas, segundo estes alunos, dependem principalmente das características idiosincráticas dos agentes. Acreditam também que estes agem de acordo com as condições concretas de vida e com os seus papéis sociais. Esta afirmação é, no entanto, mais frequente quando falam dos escravos. Quanto à influência da educação e de outras variáveis sociais, as ideias dos alunos são formatadas por estereótipos contemporâneos, como por exemplo, onde a educação é vista como instrumento modelador de um cidadão humano e justo. Simultaneamente, estes alunos defendem que o comportamento dos amos para com os escravos dependeria das suas expectativas de lucro originário do trabalho dos escravos. Salientaram também que a intimidade e a frequência de contactos entre estes dois agentes definiria o tipo de relações, que tenderiam a ser mais humanas. No que diz respeito aos escravos, os alunos deste grupo reconheceram que aqueles teriam (e assumiriam) consciência das funções, limites e expectativas comportamentais inerentes à sua condições de escravidão. Daí, aceitarem que o silêncio e a aceitação dos escravos era uma estratégia de sobrevivência adoptada na generalidade. Os alunos reconhecem que o passado e o presente são duas entidades diferentes, mas quando confrontados com uma situação histórica específica, vêm o passado como um somatório de imagens do passado e ideias e valores contemporâneos. Esta visão atravessa todo o seu raciocínio, e está mais particularmente visível quando sentem

necessidade de proferir julgamentos de valor sobre a escravatura, e ou quando se projectam no papel ora dos senhores ora dos escravos.

No que diz respeito ao grupo de alunos **14+ anos**, a escravatura, como no grupo anterior, é desenhado através de imagens oriundas de artefactos artísticos e dos mass media. Existem referências claras sobre a escravatura em Roma, nos tempos da colonização de África e Brasil. Tornam-se mais frequentes os enunciados de teor económico e dos direitos humanos. Os alunos deste grupo estabelecem já relações entre a escravatura e as necessidades económicas de desenvolvimento das sociedades esclavagistas. Esta relação é clara e frequente, quando confrontam a existência da escravatura com o desenvolvimento cultural e artístico de certas sociedades como o Egipto e a Grécia. Daí, que uma das razões apontadas para a existência de escravatura, ser o seu papel imprescindível ao desenvolvimento económico de um país, reconhecendo a necessidade de usar mão de obra barata, como condição de viabilidade para a construção de obras públicas, como estradas, monumentos, etc. No que diz respeito à possível existência de mudanças, os alunos deste grupo reconhecem-nas, como o grupo anterior, nas relações humanas e nas condições de vida concreta, mas também realçam o papel das leis nessas mudanças. Este grupo também continua a apoiar a ideia de que os comportamentos relacionais entre os amos e os escravos dependem das características idiosincráticas dos agentes, mas a sua frequência diminui comparativamente à do grupo de 12+ anos. Preferem realçar o papel da educação e a posição social dos amos num tipo de comportamento mais humano ou mais cruel. Variáveis económicas, tal como o tipo de tarefa realizada pelo escravo e o lucro dela derivada, é a mais defendida por estes alunos. Como no grupo anterior, os alunos valorizam o grau de intimidade e frequência de contactos entre os amos e os escravos como factor delineador do tipo de relação humana existente. Também é referida a consciência pelos escravos da sua situação e correspondente comportamento esperável, ou seja, a obediência e o silêncio. O passado e o presente são aceites como entidades diferentes, mas persiste a interferência de imagens e valores contemporâneos nos seus raciocínios. Os alunos deste grupo vêm a escravatura como um instrumento económico necessário ao desenvolvimento dos países, tentando já identificar relações com outras instituições como a religião, a sociedade, a lei, etc, mas simultaneamente julgam-na à luz dos seus sentimentos e valores contemporâneos.

Quanto ao grupo **16+ anos**, são já mais notórias certas diferenças comparativamente com os grupos anteriores. A escravatura já não é predominantemente baseada em imagens e fontes ficcionais mediáticas. É já definida em termos económicos na base da discussão do par -trabalho versus salário-, e na -

presença versus ausência- de direitos humanos. Ambos domínios são enquadrados num tempo e espaço específicos, sendo como tal diversos e provisórios. Por outro lado, estes alunos já claramente contemplam nas suas respostas relações da escravatura com outras instituições como a religião, a sociedade, a lei, etc. Simultaneamente julgam-na à luz dos seus sentimentos e valores contemporâneos, tendo, no entanto, consciência, de que quando o fazem, estão a executar outra tarefa diferente da pedida, ou seja, compreender a escravatura no seu tempo específico. As razões apresentadas para a existência da escravatura estão relacionadas com o desejo de riqueza e a necessidade de ter lucros. E baseados nesta aceção, os alunos defendem que a exploração da mão de obra não mudou, reconhecendo-a nos dias de hoje nas relações entre empregadores e empregados. Estabelecem assim uma similaridade entre algumas características da escravatura e as relações laborais contemporâneas. Quanto às relações humanas entre os amos e os escravos, os alunos de 16+ anos reconhecem a coexistência de um padrão de comportamento social adstrito a uma determinada época com excepções, excepções que atribuem às características individuais e sociais dos amos e aos seus trajectos de vida. O tipo de tarefas dos escravos e o lucro daí proveniente são os factores modeladores mais frequentemente utilizados na definição do tipo de relações humanas entre amos e escravos, pois estes são vistos apenas como mão de obra. Os constrangimentos sociais, como as leis e a aprovação social dos seus pares, são também argumentos frequentes neste grupo de alunos. O passado e o presente são agora claramente distinguidos. O passado é compreendido no seu contexto e tempo específicos. No entanto, quando pedido, formulam os seus juízos de valor contaminados por crenças contemporâneas, adoptando o formato de 'profissões de fé' contra o racismo ou na defesa dos direitos humanos.

Os dados recolhidos no Exercício Empático (EE) escrito e na entrevista subsequente (EPEE) permitiram criar um **Padrão de ideias substantivas sobre a Escravatura Romana**, que de seguida sintetizaremos. Convém relembrar que as evidências propostas eram as histórias de dois escravos que salvaram os seus amos da morte. Era-lhes pedido que tentassem identificar e explicar as razões subjacentes a esses comportamentos.

Os alunos do **grupo 12+ anos** sentiram a necessidade de contextualizar as atitudes dos escravos num ambiente afectivo, caracterizando o amo como um Pai ou pelo menos como um amigo. Apesar de recusarem a noção de família romana, os alunos viram o amo como o pai a quem se deve obedecer e que merece todos os sacrifícios, pensamento partilhado pelos escravos. Esta assunção coexistiu com uma

intenção mais pragmática dos escravos, ou seja, obter uma recompensa ou a liberdade em troca das suas atitudes. A compreensão da situação proposta pela histórias foi contaminada pelas vivências sociais dos alunos, ou seja, pela aceitação de que construir relações humanas significa negociar expectativas, respeitar algumas regras de modo a ser aceite ou a ser rejeitado.

Tal como no grupo dos 12+ anos, os alunos do 14+ anos enquadraram os comportamentos dos escravos num ambiente amigável de relação com os seus amos. Neste grupo, no entanto, a imagem do amo como pai foi desvalorizada. A consciência dos escravos sobre a sua situação de escravidão e correspondentes comportamentos de lealdade e sacrifício foi mais defendida. A informação sobre a civilização romana e sobre a família romana que lhes foi fornecida e ou que já tinham tido estudado, foi contemplada nos raciocínios dos alunos, apesar de ainda persistir a interferência da noção contemporânea europeia de família assim como as suas experiências pessoais. Notou-se também um aumento na evocação da influência das condições concretas de vidas daqueles escravos e a intenção de obter uma recompensa na decisão de salvarem os amos da morte.

Já os alunos do grupo 16+ anos tentaram compreender as atitudes dos escravos no contexto da sociedade romana. Apesar de ainda falarem da recompensa como objectivo final dos escravos para salvarem os amos, os alunos enquadraram as suas explicações na consciência dos escravos sobre o seu lugar na hierarquia social romana, mostrando já uma disposição para compreendê-los naquele contexto histórico específico.

Para terminar, e sintetizando, poder-se-á dizer que os alunos do grupo 12+ anos, tendem a ser mais influenciados por fontes icónicas que os media lhes oferecem. A escravatura tende a ser vista através das características idiosincráticas dos sujeitos históricos não os contextualizando historicamente. Defendem que muitas situações ou práticas do passado ainda hoje se podem detectar, mesmo que tenham outros nomes ou tenham mudado algumas das suas características. Quanto se tentam projectar em situações do passado, baseiam as suas premissas interpretativas em situações factuais contemporâneas e nos seus próprios sentimentos e valores.

Os alunos do grupo de 14+ anos tentam compreender os comportamentos humanos do passado de acordo com o perfil idiosincrático dos agentes históricos, mas introduzem a variável do contexto específico da situação, extrapolando por vezes estereótipos comportamentais e éticos contemporâneos para o passado. Os alunos reconhecem que os valores e as ideias dos agentes históricos podem ser

subalternizados ou mesmo esquecidos quando determinados objectivos concretos são considerados importantes para esses mesmos agentes. Estes alunos introduzem pouco a pouco a noção de hierarquia de valores e ou a possível incoerência entre “o que pensa e acredita” e o que “faz”. A extrapolação de ideias e valores contemporâneas para o passado continua a ocorrer, assim como a influência das características idiosincráticas dos indivíduos. No entanto, a ideia de um comportamento social standardizado é já aceite como presença modeladora. A ocorrência de mudanças são reconhecidas nas condições materiais, nas ideias e nos valores, mas os alunos fazem-nas depender de um tempo longo. Quando analisam uma instituição histórica, os alunos deste grupo, contemplam já a sua função e os correspondentes/esperados comportamentos sociais. Torna-se claro, que os alunos tentam já analisar a situação no seu contexto e tempo histórico específico. Continua, no entanto, a ocorrer a extrapolação de informação contemporânea para o passado, particularmente no que diz respeito a valores e crenças.

Os alunos mais velhos, de 16+ anos, compreendem já os comportamentos dos agentes do passado dentro seu contexto e tempo histórico específico. Reconhecem não apenas a existência de um comportamento social padronizado, mas também a co-existência deste com uma pluralidade de comportamentos sociais que dependem por sua vez do estatuto económico e social desses agentes. Reconhecem a existência de mudanças, salientando a necessidade de um tempo de longa duração para que algumas se tornem visíveis. Esta ocorrência é vista como um fenómeno contínuo que inclui a interferência interactiva de elementos tais como as condições económicas, a mudança das mentalidades, o papel de certos líderes e ou grupos sociais, a acção de certas instituições sociais, etc. Finalmente, quando se projectam em situações do passado, os alunos vivenciam o papel do viajante no tempo, carregando consigo as suas ideias, valores e experiências pessoais, mas conseguem também e genuinamente, empatizar com os agentes do passado. A presença de elementos do Presente são visíveis nos seus julgamentos face a situações concretas do passado, que entram em conflito explícito com a sua matriz cultural e ética. Os alunos, nestes momentos, estão conscientes da contemporaneidade e individualidade dos seus julgamentos.

Como palavras finais, cremos que a cartografia do conhecimento tácito histórico dos alunos deve ser considerado apenas como o primeiro passo do professor. Aos alunos devem ser propostas tarefas que os tornem não só conscientes desse seu saber para, posteriormente, e através de situações de aprendizagem intencionalmente desenhadas, com elas serem confrontados. Só assim, se poderá contribuir para a sua mudança, evitando o seu uso em posteriores situações, tarefas e ou problemas escolares ou vivenciais.

Notas

- (1) O tempo que permeou entre a apresentação deste texto e a possibilidade da sua publicação permitiu que o seu conteúdo fosse remodelado, já que então condições institucionais impossibilitaram a apresentação de certos dados, sendo agora possível.
- (2) A informação apresentada neste texto pertence à dissertação da tese de doutoramento realizada pela autora na Universidade de Londres, Instituto de Educação. Decorre neste momento a sua tradução para publicação próxima.
- (3) As citações feitas foram retiradas da seguinte referência: Melo, M. C. (2000). O conhecimento Tácito Substantivo Histórico dos alunos. Contribuição de um estudo sobre o tema da Escravidão Romana. In ARAÚJO e SÁ, M. H. (Org.). *Investigação em Didáctica e Formação de Professores*. Porto: Porto Editora. 75- 90. (pgs. 78-80)